

Sobre cães, cobras e lagartos.

Guto Bassi (09/09/2020)

Nutro a maior admiração por pessoas que escrevem sobre si mesmas. Sério. Há pessoas que tem essa capacidade, que escrevem sobre si mesmas de uma maneira que abarca o mundo. Admiro isso. Gosto de ler o que gente assim escreve. Provavelmente porque não consigo escrever desta forma por muito tempo. Meus textos tendem a ser na terceira pessoa ou, se narrados na primeira, são tão cheios de artefatos fantasiosos que não me reconheço neles. Obviamente – a observação não é minha – todo texto traz a marca do seu autor. Não tem como não plasmar algo de seu no que se diz. Mesmo que, a rigor, não se diga: se escreva. Ler textos de um autor acaba dando grandes pistas sobre o que permeia os pensamentos e sentimentos dele. Mas são coisas indiretas e pouco objetivas. Na escrita, por vezes, aparecem nossas fantasias e fantasmas, coisas irreais que tomam outro contorno se tomadas ao pé da letra. Subjetividades. Gosto delas. Mas não gosto muito quando isso tem nome e endereço. Enfim... admiro quem escreve sobre si. Não sou capaz disso, em geral.

Por isso vejo este texto como uma exceção: gostaria de contar um fato que aconteceu comigo esta semana e que, a meu ver, ilustra algumas grandes tendências atuais. Depois falo disso. Vamos ao fato. Ou antes, ao contexto:

Provavelmente quem estiver lendo este texto usa rede social. Vou ser mais específico: provavelmente quem está lendo este texto usa o Facebook. Todo mundo usa. Não, todo mundo é muita gente, mas provavelmente quem está lendo isto usa. Então vai entender o que estou falando. No face (vamos encurtar o nome para algo corriqueiramente utilizado) todos temos amigos que são só amigos ali. Naquele contexto. Ninguém que usa o face imagina que conhece todas as pessoas que estão ali como “amigos”. São amigos do tipo “amigo vírgula”, ou seja, é amigo, mas não é “amigo”. Você me entendeu. Não se espera que você tenha longas conversas ou sequer cumprimente quem é teu amigo de face se, por acaso, o encontrar na vida real. Digamos que não são amigos de verdade. São amigos virtuais. E o virtual não é real. Durante um tempo se tentou usar a expressão “e-friend”, mas acho que não pegou muito. Pelo menos não tenho ouvido. Enfim: todos temos amigos virtuais. Centenas. Alguns milhares deles. Me parece que o face limita a cinco mil amigos. Aparentemente ter mais do que cinco mil amigos é proibido. Vai saber o porquê. Bom. Eu não tenho cinco mil amigos, mas tenho alguns amigos virtuais. E foi exatamente neste meio virtual que o fato que quero contar aconteceu.

Uma amiga virtual, que eu não conheço na vida real, postou no face uma pergunta singela: “se você fosse um cachorro, gostaria de ser tratado da forma como você trata o seu cãozinho”? Posso estar parafraseando, mas a ideia era essa. Fiquei intrigado. Me pareceu, genuinamente, uma pergunta bem elaborada. Muito melhor do que é costumeiramente postado, tipo “se você gosta de mim, curte aí”, ou algo disfarçado disso. Sei que o assunto é um tanto polêmico, mas gostei da pergunta. Talvez justamente por isso. Com isso em mente respondi à questão proposta. Propus um exercício: sugeri que ela se imaginasse como uma humana que fosse adotada por uma matilha de cães. E tivesse que viver na natureza, sem contato com outros humanos. E andasse sem roupa. E comece só o que os cães que te adotarem achassem bom de comer. E te castrassem. E ainda te chamassem de “cachorrinho da mamãe”. Pensei em acrescentar “mamãe cadela”, mas achei que seria distorcer o objetivo do exercício já que a palavra “cadela” tem sentidos diversos do inicial, que é o de designar a fêmea dos canídeos. Imaginei que minha resposta contribuiria para o debate. Burrice minha. Quase estupidez.

No dia seguinte a pessoa me respondeu com esta pérola: “Guto Bassi, para um animal como você só tenho uma coisa a dizer: VAI SE FODER”. Fiquei surpreso.

Realmente era algo que eu não esperava. Por vários motivos. Ainda respondi “com bons argumentos e educação a gente constrói boas discussões”, mas acabei bloqueando a pessoa. Desfiz a amizade. Percebi que não haveria discussão construtiva, troca de argumentos, conversa. Porque era este o meu intento. Conversar, discutir. Usar a alteridade para tentar entender se um cachorro gostaria ou não de ser tratado desta ou daquela forma. Deveria se extinguir por aí a coisa, mas resolvi escrever para ver se tiro algo de positivo disso tudo. Senão, vejamos.

A agressão é evidente. Curiosamente as pessoas mandam as outras se foderem como se isso fosse uma coisa ruim. Mas tudo bem, não vamos entrar neste pormenor. Acredito que você concorda que a pessoa quis me agredir devido ao exercício que propus. Depreendo que ela não se sentiu confortável na posição em se viu, a de ser uma humana tratada como cachorro (não vou usar a palavra cadela. Soaria ofensivo). Isso, antes de mobilizar reflexões sobre a forma de tratar seu cão, a fez ficar com raiva de quem fez a pergunta, no caso, eu. Ou seja, segurei um espelho, ela não gostou do que o espelho refletiu e jogou uma pedra no espelho. Se a realidade não é agradável, despreze a realidade. Triste isso. Porque leio no que ela fez uma confissão de que seu cão (ou cães, não sei quantos ela tem) não é bem tratado. Imagino que ela trate seus pets como humanos. Na minha concepção isso deveria ser enquadrado como maus tratos aos animais. Afinal eles são cães. Se deixados à vontade se comportam como cães. Nada surpreendente nisso. Fazê-los agir contra sua natureza é uma violência. Tratar cães como humanos é tão ruim quanto tratar humanos como cães. Esta seria a conclusão lógica do exercício que propus. Acho que o exercício atingiu o objetivo para o qual foi proposto. O fato de a pessoa não gostar do resultado é outra coisa.

Segundo ponto que me chamou a atenção: no intuito de me ofender a (agora) ex-amiga me chamou de “animal”. Curiosa escolha de palavras para quem se diz uma... nem sei qual palavra usar... defensora? Protetora? Amante? Mãe? Enfim... “alguma dessas coisas” dos animais. Ou ela é muito mais preconceituosa do que parece – como se fosse um ativista anti racismo xingando alguém de “negão” sem perceber – ou entende que cachorros não são animais. Esta segunda opção me parece preocupante. Novamente penso em maus tratos. Imagino banhos, tosas e perfumes. E brigas quando seu animal volta do petshop e se esfrega na terra ou pelo chão. Claro que os cães fazem isso: o senso de olfato é muito importante para eles, mais do que a visão. Colocar um perfume deturpa sua percepção. Seria como um humano usar óculos com o grau errado só porque seu dono acha bonito. Uma violência com os animais. E sou contra maus tratos com os animais. Aí incluídos os animais humanos, por sinal. Tipo eu. Ao menos na classificação dela.

A conclusão a que chego é triste: a maioria das pessoas não está acostumada ou aberta ao contraditório. Embora possa ter parecido uma provocação pura e simples, minha resposta teve o intuito de introduzir outro prisma na discussão. Outro viés, se quiserem. Pensar de formas diferentes nos remete a outros lugares. A ver outros ângulos, a repensar o que fazemos. A nos aprimorarmos. Não que tenhamos que mudar de opinião: muitas vezes pensar de outro prisma nos faz reafirmar o que acreditamos. Acho que isso também é importante. Rever o que pensamos. Nem que seja para reafirmarmos para nós mesmos o que somos. Se tiro alguma conclusão disso tudo é que devo falar menos. Ou, pelo menos, escolher melhor com quem falo. É um aprendizado e um exercício constante. Resta concluir duas coisas. Primeira: sou um animal que não gosta que os animais sejam maltratados. Acho que se precisa definir melhor o que são maus tratos. Segunda, só para acrescentar uma pitada apimentada e irônica (eu não resisto...): não acho que foder seja ruim como dizem. Experimentem. Pode ser surpreendente.